

Enquadramento paleogeográfico

JOAQUINA SOARES
CARLOS TAVARES DA SILVA

A chamada Casa dos Mosaicos, no nº19 da Rua António Joaquim Granjo (RAJG.19), em Setúbal, é um lote de planta aproximadamente rectangular, com *ca* 18m de comprimento (E-W) por 5m de largura (N-S) que ocupa parte do rés-do-chão de edifício de três pisos, de construção datável do século XIX. Situa-se em área cingida pela muralha medieval, no sopé da encosta sudoeste da colina

de Santa Maria; possui as seguintes coordenadas: 38°31'24.35"N; 8°53'19.66"W (Fig.1).

O quadro geomorfológico em que decorreu a ocupação humana na longa diacronia representada no nº 19 da RAJG foi dinâmico e substancialmente diferente daquele que podemos hoje observar na Baixa de Setúbal. A informação disponível permite recuar, em traços muito gerais, à Pré-história holocénica.

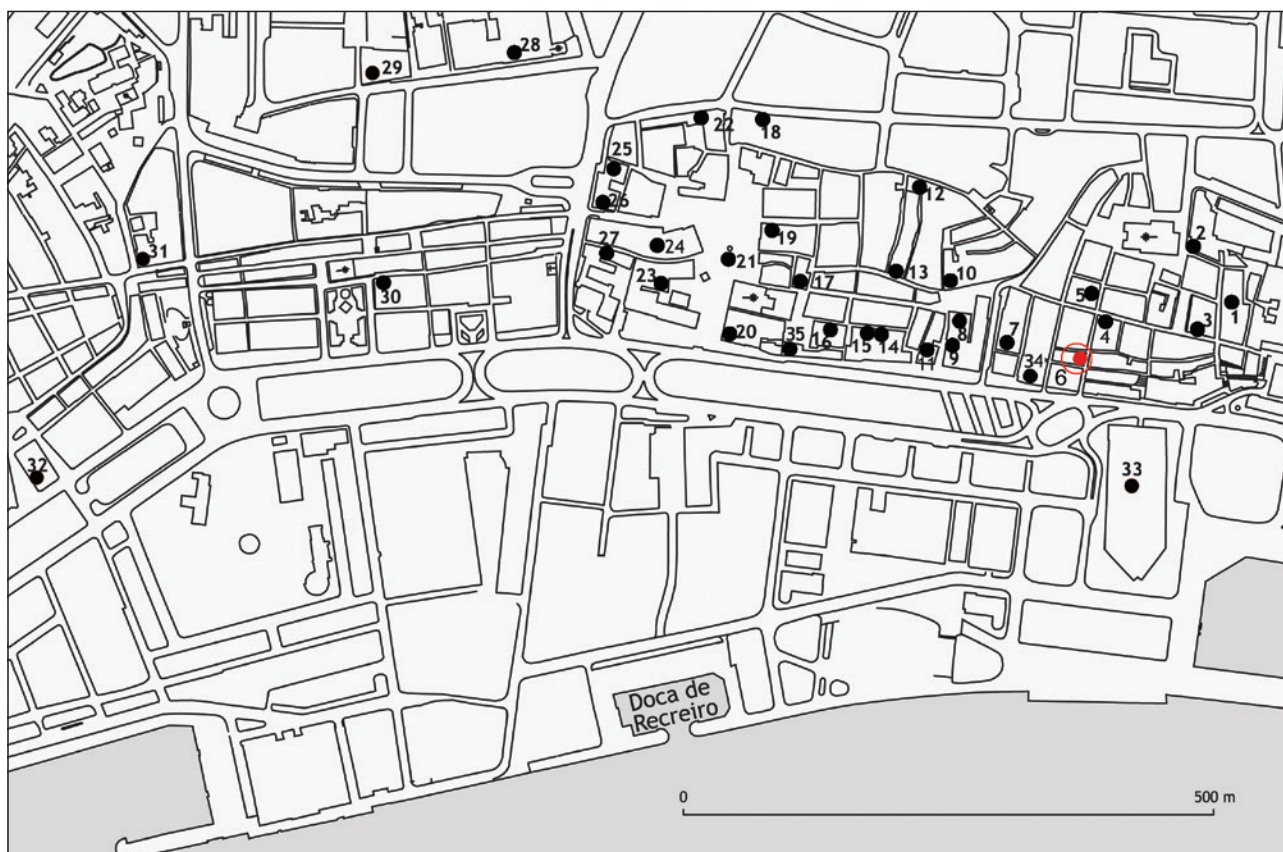


Fig. 1 - Localização do nº 19 da Rua António Joaquim Granjo (Casa dos Mosaicos – círculo vermelho), no mapa das intervenções arqueológicas realizadas pelo MAEDS no âmbito do projecto Preexistências de Setúbal.

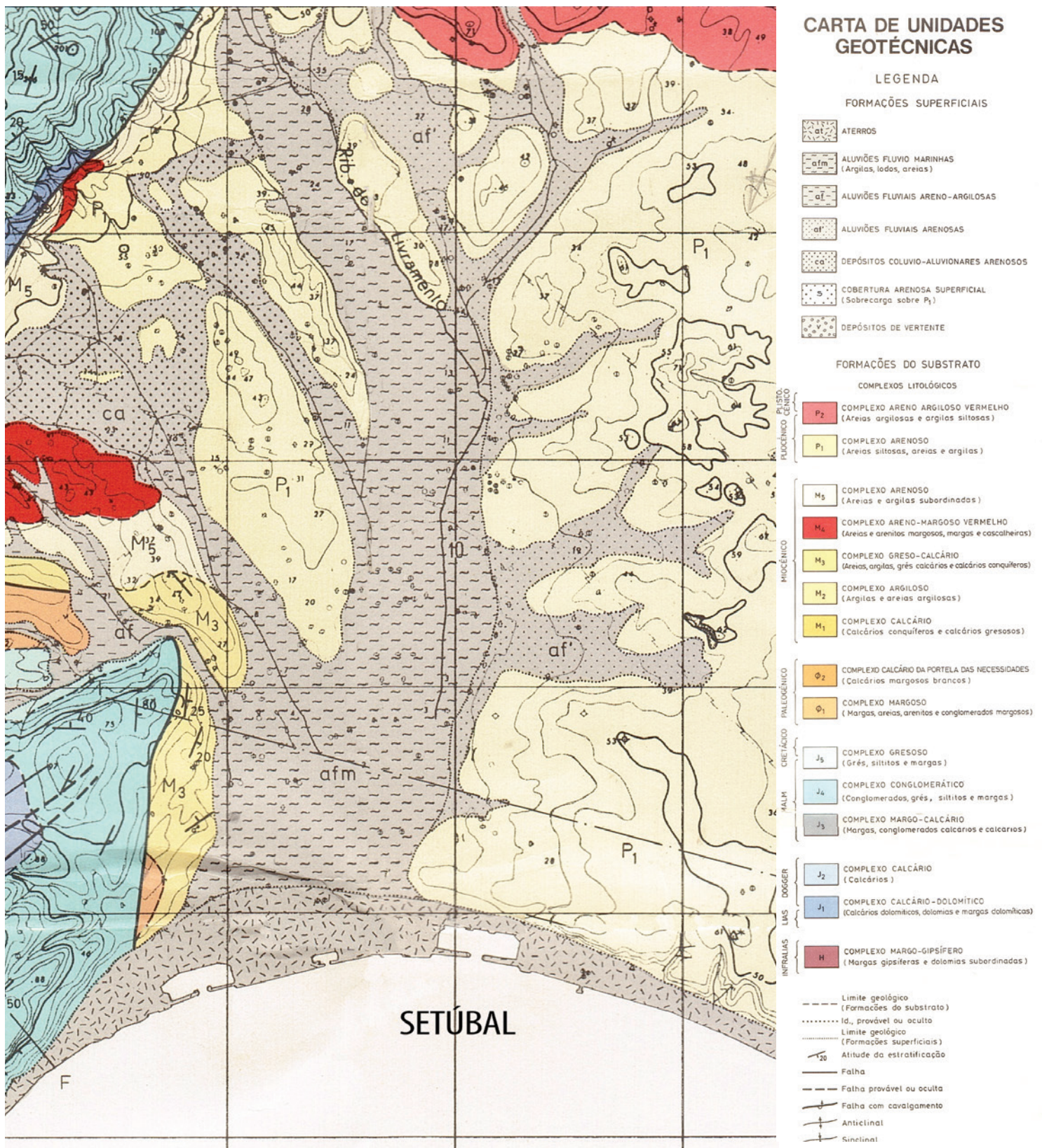


Fig. 2 - Carta das unidades geotécnicas da Baixa de Setúbal. De notar que esta é ocupada maioritariamente por aluviões flúvio-marinhas (afm) holocénicas. Seg. António Manuel Laranjeira Gomes Coelho (1980).

Enquadramento geomorfológico. Pré-história holocénica

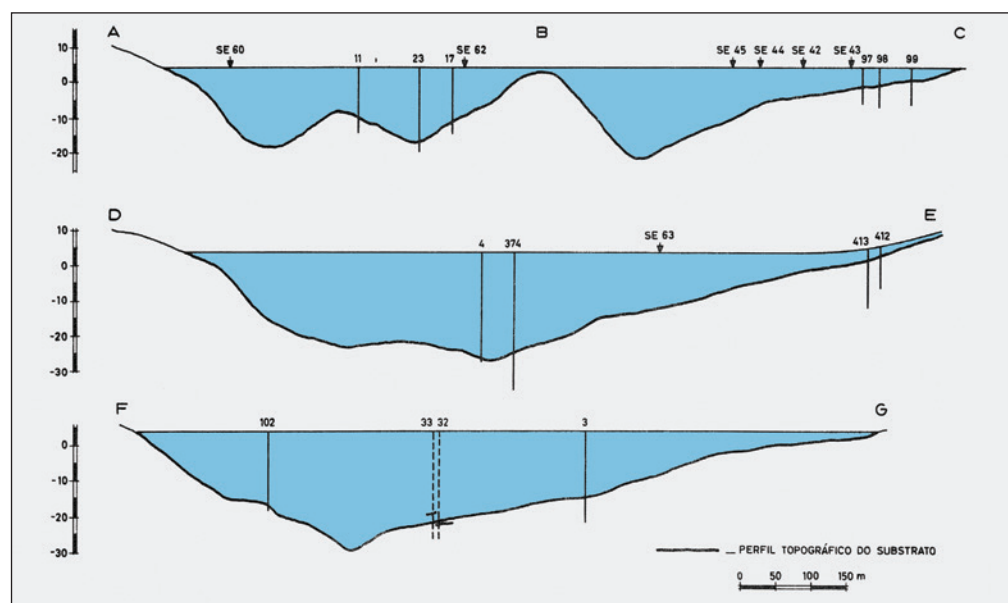
Os trabalhos desenvolvidos desde 1975 pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), no âmbito do projecto de investigação “Peexistências de Setúbal”, permitiu não só conhecer a evolução da ocupação humana do centro histórico de Setúbal, mas também a evolução geomorfológica desse espaço. A reconstituição que propomos teve por base cartográfica o trabalho de A.M. Laranjeira Gomes Coelho (1980) (Fig. 2), no qual as formações holocénicas da área referida correspondem a aluviões fluvio-marinhas (argilas, lodos e areias). Este autor procedeu ao traçado das curvas de nível da superfície do respectivo substrato, talhado provavelmente durante a glaciação wurmiana (Fig. 3), em formações do Pliocénico e, no flanco mais ocidental (entre Brancanes e Troino), também em formações miocénicas; apresenta igualmente os perfis transversais desse substrato (Coelho, 1980), pondo em destaque o principal talvegue que viria a estruturar a evolução holocénica da Baixa de Setúbal; o seu eixo longitudinal liga as áreas da Doca dos Pescadores ao Bonfim-Liceu,

atingindo cotas inferiores a -25m (Fig. 3), e continua para montante até à Baixa de Palmela.

Final do 4º milénio/inícios do 3º milénio BC (Neolítico-Calcolítico)

Admitimos que durante a Pré-histórica holocénica, mormente durante o máximo da transgressão flandriana, toda a baixa de Setúbal seria um extenso braço de mar (Figs. 7 a 9), cuja desembocadura se localizaria entre o Largo da Misericórdia e a zona oriental do bairro de Troino, esteiro que se prolongava pelo Bonfim e Montalvão, até ao estádio do Vitória Futebol Clube, onde se bifurcava em dois ramos, as actuais “várzeas” (Figs. 2 e 3), atingindo o do lado nascente o sopé do morro de Palmela. A colina de Santa Maria seria então uma península banhada, a sul, pelas águas da baía de Setúbal, e a oeste e noroeste pelo referido esteiro. Nas margens deste existiriam habitats neolíticos/calcolíticos, designadamente na Avenida General Daniel de Sousa/Rua Frei António das Chagas e no Convento de São João (Ferreira, 1951; Soares, 2008). Os trabalhos arqueológicos realizados pelo MAEDS no Largo do Convento de Jesus (Tavares da Silva, 1989) e na Rua Acácio Barradas, 2

Fig. 3 - Perfis transversais da baixa aluvionar de Setúbal, evidenciando a topografia do substrato. De montante – Liceu (A-C) – para jusante – Doca dos Pescadores (F-G). Seg. António Manuel Laranjeira Gomes Coelho (1980).



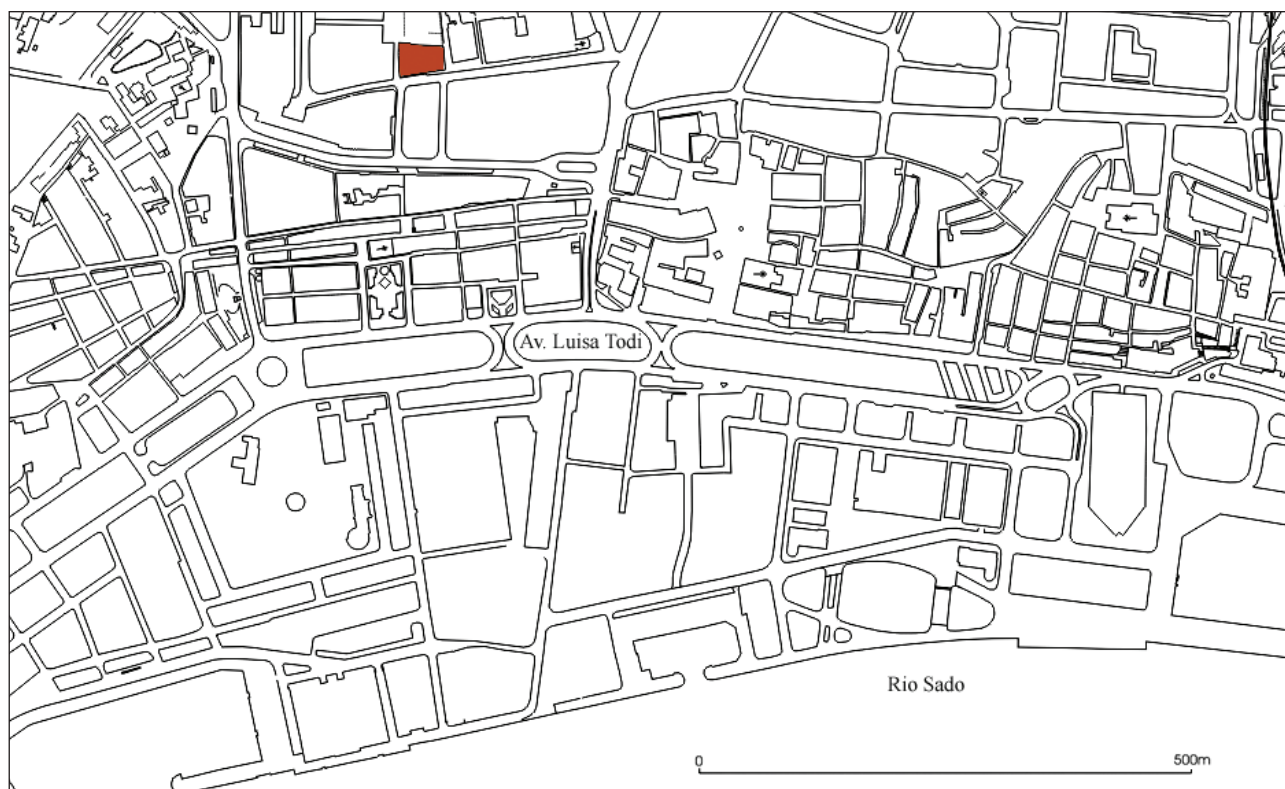


Fig. 4 - Localização do lote intervenido na Rua Acácio Barradas, 2, em extracto de planta de Setúbal.

(Setúbal), em 2009 (Fig. 4) sustentam a afirmação precedente. No segundo caso, até agora inédito, foi possível obter uma estratigrafia do enchimento holocénico até cerca de 3,5m de profundidade e datar, do final do 4º milénio/inícios de 3º milénio cal BC, a camada respeitante ao leito de vasas, emerso durante a baixa-mar, onde viviam moluscos das espécies *Scrobicularia plana*, *Cerastoderma edule* e *Venerupis decussata*.

A base da nossa estratigrafia (Fig. 5, C.8), datada de finais do IV milénio/ primeiro quartel do III milénio cal BC, correspondia, pois, ao fundo lodoso do esteiro, habitat de moluscos marino-estuarinos representados, por ordem decrescente, pela lamejinha, berbigão e amêijoia, associação faunística que podemos observar actualmente no esteiro da Comporta. De salientar que, a curta distância para NW do lote da R. Acácio Barradas, foi assinalado um sítio de habitat atribuível ao Neolítico ou Calcolítico (Ferreira, 1951), localizado na

margem direita do referido esteiro (Figs. 8-9). Este foi sendo progressivamente colmatado sobretudo a partir da instalação de um cordão litoral na sua foz que atingiu pleno desenvolvimento durante a Época Romana. As vasas e lodaçais foram colonizados por sapal (C.7), o qual acabaria por permanecer definitivamente emerso (sapal alto) (Cs. 6-5). Ocupado por marinhas, o espaço em análise viria a sofrer a primeira intervenção urbanística somente no final do século XV, com a construção do Convento de Jesus (Tavares da Silva, 1989). Os primeiros vestígios (fragmentos de argamassa) de construções existentes nas imediações surgiram no lote da R. Acácio Barradas apenas na C. 4. Durante a Idade Moderna e até ao último quartel do século XX (Cs. 4-2), o lote integrou, primeiro, a Quinta de Montalvão; posteriormente, durante o século XX, foi objecto de uso industrial, cujas instalações viriam a ser demolidas para a construção de edifício de habitação em 2009.

Estratigrafia

Observámos a seguinte sequência estratigráfica de cima para baixo (Fig. 5):

C. 1 – Gravelha que correspondia à utilização do lote como parque de estacionamento. Espessura máxima *ca* 50cm.

C. 2 – Entulhos que correspondiam à demolição da fábrica litográfica e latoaria *Atlas*, que funcionou até ao início da década de 70. Espessura máxima *ca* 66cm.

C. 3A – Sedimento argiloso e compacto. Espessura máxima *ca* 43cm.

C. 3B – Lenticula de areão amarelado. Espessura máxima *ca* 4cm.

C. 3C – Argila-arenosa castanho-avermelhada. Espessura máxima *ca* 24cm.

C. 4 – Camada argilosa avermelhada com carvões e fragmentos de argamassa. Espessura máxima *ca* 74cm.

C. 5 – Argila intercalada por lenticulas de areia grosseira. Espessura máxima *ca* 46cm.

C. 6 – Argilas avermelhadas intercaladas com argilas lodosas. Espessura máxima *ca* 46cm.

C. 7 – Argilas acinzentadas turfosas, com intercalações lenticulares de areia grosseira acastanhada, correspondentes a episódios de acarreios continentais, de carácter torrencial. Espessura máxima *ca* 42cm.

C. 8 – Areias lodosas acinzentadas, com conchas de moluscos das espécies *Scrobicularia plana*, *Cerastoderma edule* e *Venerupis decussata* (por ordem decrescente de frequência). Espessura escavada *ca* 60cm.

Datação radiocarbónica

Uma amostra de conchas de *Scrobicularia plana* da C.8 submetida a determinação radiocarbónica, por AMS (Fig. 6), forneceu o seguinte resultado: (Beta – 257949) 4600±40BP (3010-2740 cal BC a 2 sigma).

Final do 3º milénio-1ª metade do 2º milénio BC (Idade do Bronze)

Durante o final do 3º milénio e primeiro quartel do 2º milénio cal BC, ou seja, no intervalo cronológico de 2020 a 1670 cal BC, correspondente à Idade do Bronze antigo e médio, as águas da baía penetravam ainda abertamente para norte do que é hoje a Rua Álvaro Castelões, antiga Rua dos Caldeireiros. Nas escavações realizadas em 2004 pelo MAEDS nos n.ºs 30-40 da Rua Álvaro Castelões (Duarte, Soares & Tavares da Silva, 2014, Fig. 3), aquele intervalo cronológico está representado estratigraficamente pela C. 16, de areia solta de fácies marinha, de tonalidade acinzentada clara devido à migração de elementos da camada de lodos subjacente (C. 15B). Assente sobre o

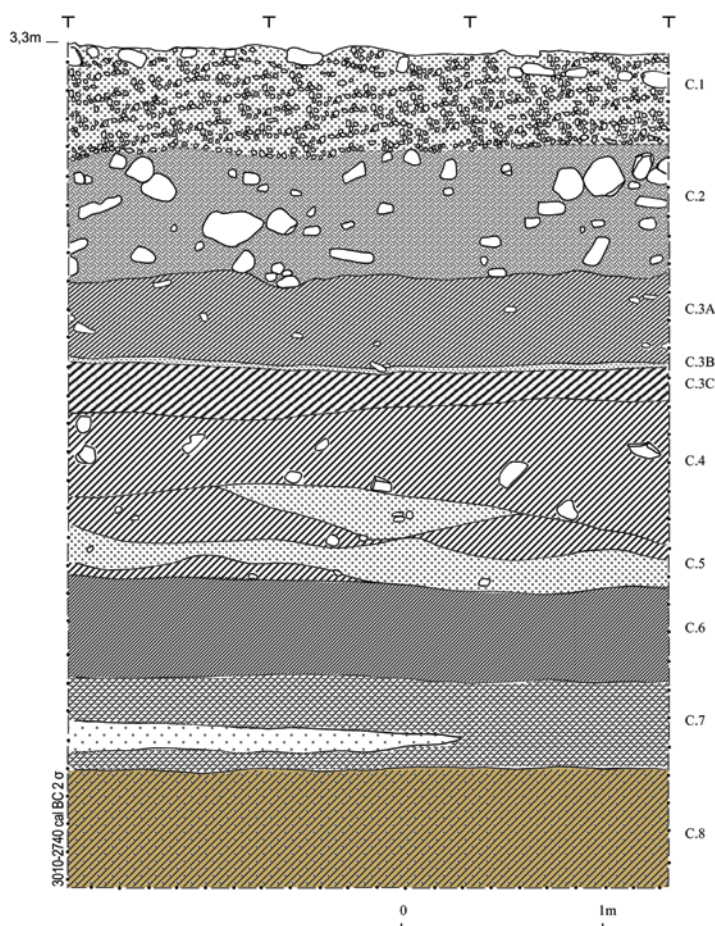


Fig. 5 - Rua Acácio Barradas, 2. Perfil estratigráfico. A Camada 8, de constituição areno-vasosa, continha uma associação de fauna malacológica que incluía lamejinha, berbigão e amêijoia, espécies que vivem em zonas intertidais, com substrato de areias lodosas em ambiente estuarino.

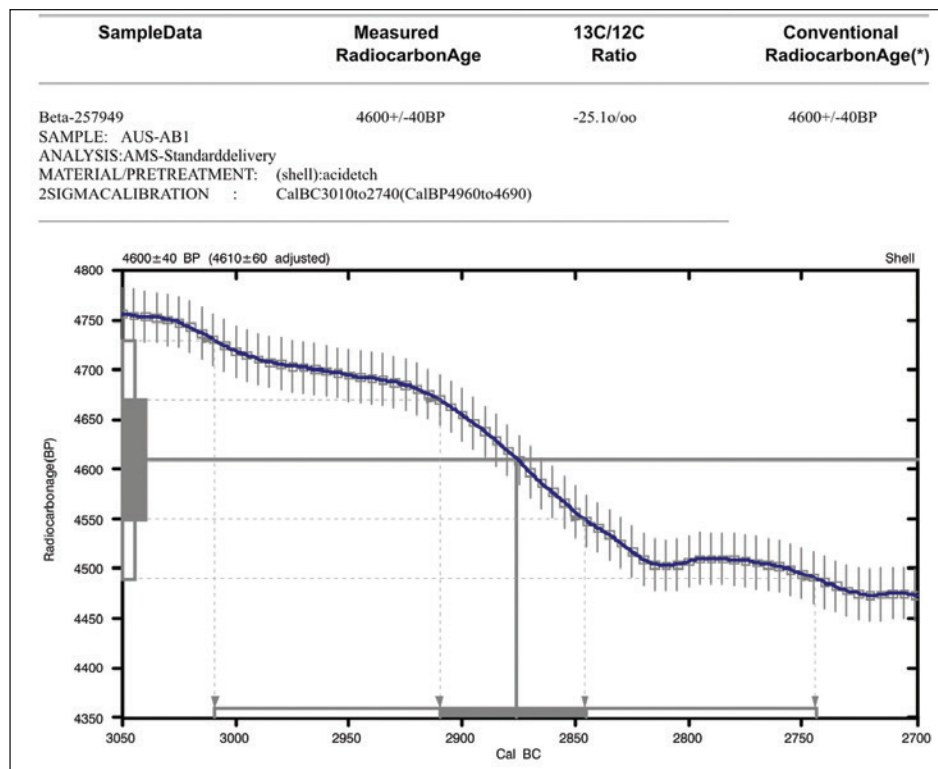


Fig. 6 - Rua Acácio Barradas, 2. Datação radiocarbónica da Camada 8.

topo das areias (C. 16), a cerca de 3,12m de profundidade em relação ao piso do lote à época da escavação, encontrámos um tronco de *Pinus* sp. e vestígios de caruma, sobre os quais se depositaram, agora em ambiente de “águas paradas”, lodos cinzento-azulados, revelando a existência de um obstáculo do tipo cordão litoral que encerraria o local à influência directa das águas da baía, permitindo assim a formação de uma área pantanosa (C. 15B), que viria a ser colonizada por sapal em fase imediatamente posterior (C. 15A).

A datação obtida para amostra dos anéis de crescimento mais exteriores do tronco de pinheiro (Beta-262293) funcionou como um *terminus post quem* (Fig. 10) para o processo de constituição do cordão litoral. Embora arqueologicamente estéreis, estas camadas associadas à referida datação radiocarbónica, proporcionaram informação relevante sobre o processo de constituição do que é actualmente o “chão” do centro histórico da cidade.

Enquadramento geomorfológico. Da Proto-história à Idade Média

No século VIII a. C. (datação convencional ou histórica), assiste-se ao nascimento da mais antiga povoação do centro histórico de Setúbal, com o estabelecimento de um grupo indígena, do Bronze Final, na colina de Santa Maria. Rapidamente esta população irá entrar em contacto e interagir económica, social e culturalmente com navegadores/comerciantes fenícios ocidentais, originando-se deste modo, nos séculos VII e VI a.C., uma comunidade marcadamente orientalizada (Soares, 2000).

Durante este período, a restinga arenosa que deve ter começado a formar-se durante a Idade do Bronze, ancorada no sopé da pequena colina de Santa Maria, em resultado do encontro das correntes de vazante do Sado e da Rib^a do Livramento, estaria ainda presumivelmente pouco desenvolvida

em extensão, e o seu fraco grau de consolidação não permitiria uma ocupação em permanência¹ (Fig. 11). A sua ocupação humana de modo estável e pleno só se verificará a partir do século I d.C., altura em que aí se implanta o núcleo fabril da Setúbal romana, especializado, como o de Tróia, na produção de preparados piscícolas; estendia-se até ao sector mais ocidental da Praça do Bocage² (Figs. 12 e 13); o seu limite sul – a margem da baía – acompanharia sensivelmente a linha de fachadas dos edifícios do lado norte da Av. Luísa Todi; o limite setentrional, confinando com a zona pantanosa do Livramento, coincidiria, aproximadamente, com os actuais edifícios do lado norte do Largo da Misericórdia, Rua Álvaro Castelões, metade norte do que é hoje a Praça de Bocage (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1980-81; Cardoso, 1980-81), interrompendo-se e inflectindo para sul no lote da antiga loja do Chiado, junto ao Café Central. Na Época Romana, a Rua Augusto Cardoso ou antiga Rua dos Sapateiros estava imersa e aí poderá ter funcionado um ancoradouro até à Idade Média (Soares, Duarte & Tavares da Silva, 2005/2007).

Ao mesmo tempo, estabelece-se, na colina de Santa Maria, o núcleo habitacional, comercial e administrativo da povoação romana. A necrópole (ou uma das necrópoles) situava-se a oriente, e no exterior da zona habitada, na área da Ladeira de São Sebastião (Tavares da Silva, 1966).

Em Troino, na margem direita da desembocadura do esteiro, abrangendo a metade ocidental da Rua Fran Paxeco, existia um pequeno aglomerado da mesma época (Costa, 1960). Este esboço paleogeográfico ter-se-ia mantido, grosso-modo, até ao período medieval cristão.

Durante a Época Islâmica, a ocupação humana da restinga parece ter-se limitado à margem da baía, a menos insalubre, com pequenos núcleos

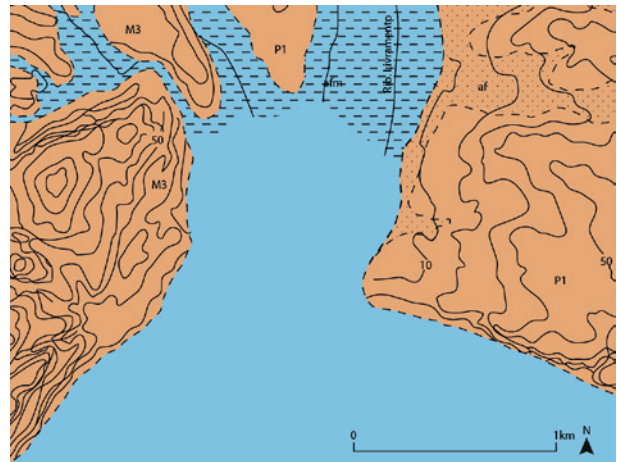


Fig. 7- Reconstituição da Baixa de Setúbal durante o máximo da transgressão flandiana.

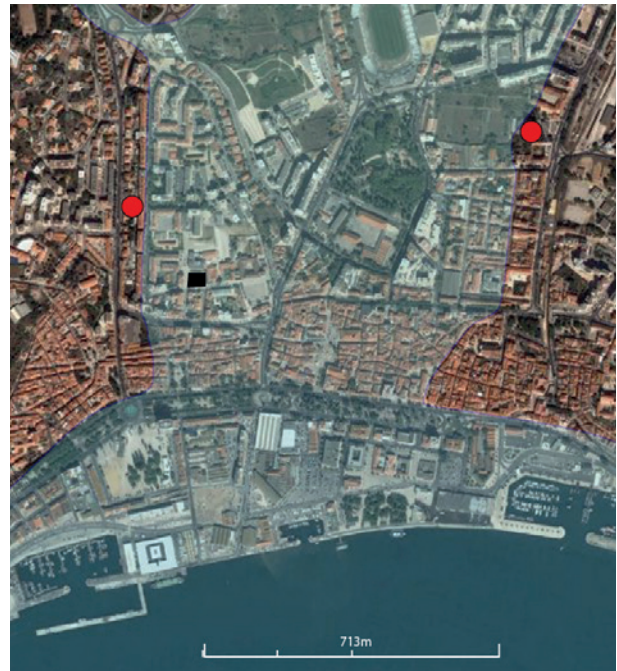


Fig. 8 - Planta da Baixa de Setúbal com reconstituição paleogeográfica relativa aos IV/III milénios cal BC. Azul - área inundada; ● - jazidas arqueológicas de Neolítico/Calcolítico; ■ - sondagem do lote nº 2 da Rua Acácio Barradas.

1 - Até ao presente, somente uma das numerosas intervenções arqueológicas efectuadas na área da restinga revelou materiais da Idade do Ferro, em contexto secundário de praia. Referimo-nos à escavação do lote da Travessa de João Galo, nºs 4-4B, que se situava na extremidade oriental da restinga/base da colina de Santa Maria (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014).

2 - Quando efectuámos a escavação arqueológica do espaço onde se havia localizado a loja do antigo Chiado, identificámos um estrato da época romana.



Fig. 9 - Reconstituição do estuário do Sado, durante o IV/III milénios cal BC proposta por J. Soares (2008), com a localização das principais jazidas neolíticas da região (●): 1-R. General Daniel de Sousa/R. Frei António das Chagas; 2 - Convento de S. João (Ed. EDP); 3 - Faralhão; 4 - Mitrena (Encosta do Moinho Novo); 5 - Celeiro Velho; 6 -Malhada Alta; 7 - Possanco; 8 - Pontal; 9 - Barrosinha; 10 - Sapalinho. Localização da Sondagem arqueológica do nº2 da R. Acácio Barradas (■).

dispersos; a área norte, até à margem do ambiente pantanoso, seria dedicada à agricultura (hortas, vinhedos, pomares)³.

É provável que o núcleo principal da povoação islâmica se localizasse na encosta sul da colina de Santa Maria, soalheira e aberta ao estuário (Soares, 1997).

Na parte alta da encosta da mesma colina tinha lugar a necrópole (Tavares da Silva *et al*, 2010, 2014).

A restinga voltará a ser ocupada em grande parte da sua área nos primeiros séculos do período medieval cristão: a povoação atinge no século XIV a margem do pântano⁴. Durante este século ocorrem tentativas de secagem do mesmo⁵.

A informação recolhida na escavação da Rua Álvaro Castelões, nºs 38-40 que temos vindo a referir foi igualmente reconhecida na intervenção arqueológica realizada, em 2001-2002, no lote do edifício da Vinícola/Benetton, localizado entre as Ruas de Bocage e Augusto Cardoso (Soares, 2002). Aí tivemos a oportunidade de escavar no que tinha sido a extremidade livre da restinga e a área pantanosa que a norte a delimitava. Os perfis estratigráficos obtidos em cada uma das unidades geomorfológicas são obviamente distintos. Em perfil da Sondagem II (Fig. 14), realizada na metade norte do lote, onde se desenvolveu a área húmida, a C. 14, de data indeterminada, era constituída por argilas cinzentas, e arqueologicamente estéreis; sobre elas formou-se uma camada de areias (C. 13) com materiais rolados da Época Romana e blocos resultantes da destruição de estruturas desse período. Este episódio, que obrigou à retracção da zona pantanosa, pode ter sido devido a uma deslocação lateral da extremidade livre do cordão arenoso. Após esta fase, há uma retoma do processo de deposição de sedimentos finos em

3 - A Camada 13B da sequência estratigráfica observada na Rua Álvaro Castelões, nºs 38 e 40 corresponde a ambiente pantanoso contemporâneo da ocupação da restinga da época medieval islâmica. A área pantanosa é então utilizada como depósito de lixos de natureza agrícola, indicadores da existência de vinhedos e pomares. (Duarte, Soares & Tavares da Silva, 2014, p. 346 e 348).

4 - A Camada 13 A da Rua Álvaro Castelões, nºs 38-40, que se teria formado em condições de emersão parcial, em ambiente de sapal alto, forneceu restos de lixos de origem doméstica datáveis do século XIV, parecendo indicar que a margem norte da restinga estaria habitada “talvez devido ao aumento demográfico que, entretanto, teria ocorrido em Setúbal, obrigando à ocupação não só da faixa meridional da restinga, mas também da sua área norte [...]” (Duarte, Soares & Tavares da Silva, 2014, p. 345, 346 e 348).

5 - As Camadas 12C e 12B da Rua Álvaro Castelões revelaram sinais de secagem do pântano: a primeira é um nível pouco espesso (0,08m de espessura) de argila avermelhada muito compactada e com cinzas, e a C. 12B corresponde à sub-base do primeiro piso construído no local em argamassa e datado do século XIV, de acordo com a tipologia da cerâmica associada (Duarte, Soares & Tavares da Silva, 2014, p. 345 e 348).

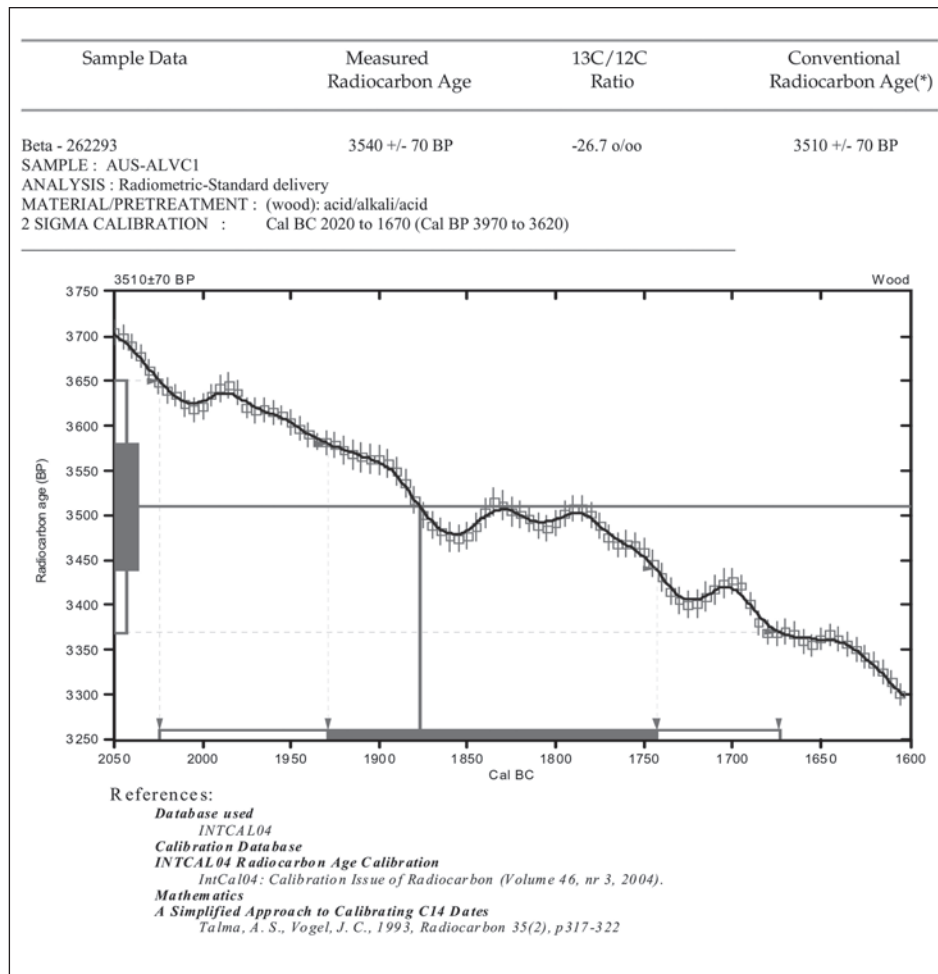


Fig. 10 - Data radiocarbónica de amostra dos anéis de crescimento exteriores de tronco de *Pinus* sp. recolhido na interface da C. 16 com a C.15B, nos nºs 38-40 da Rua Álvaro Castelões.

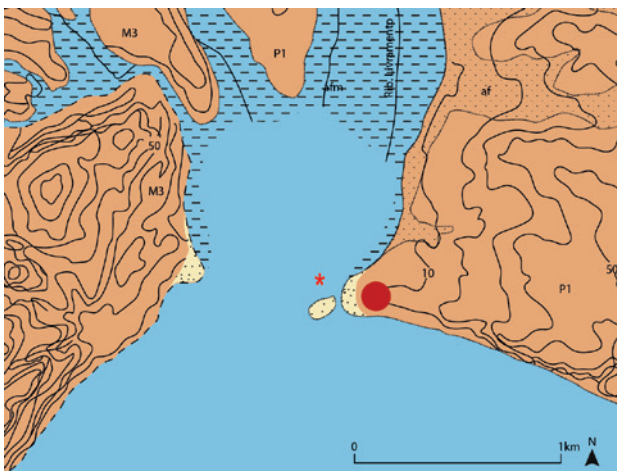


Fig. 11 - Reconstituição da Baixa de Setúbal durante a proto-história (período orientalizante).

* Localização de R. Álvaro Castelões, 38-40 ● povoado sidérico

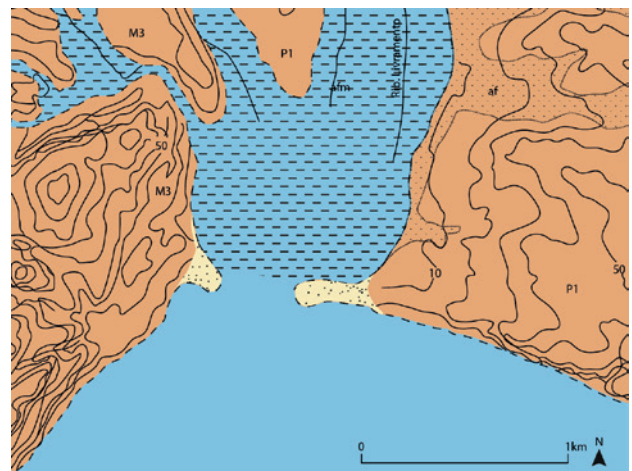


Fig. 12 - Reconstituição da Baixa de Setúbal durante a Época Romana.

Restinga Ambiente pantanoso

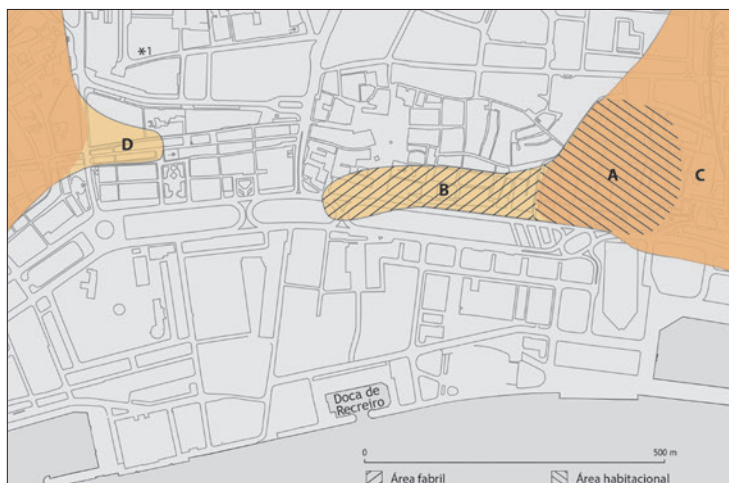


Fig. 13 - Planta funcional da Setúbal romana. A- colina de Santa Maria- centro administrativo, religioso e residencial da elite local. B- restinga – zona fabril da fileira de preparados de pescado. C- necrópoles. D- núcleo de Troino - exploração de sal, de pedra e funções de ligação entre *Caetobriga* e *Olisipo*.

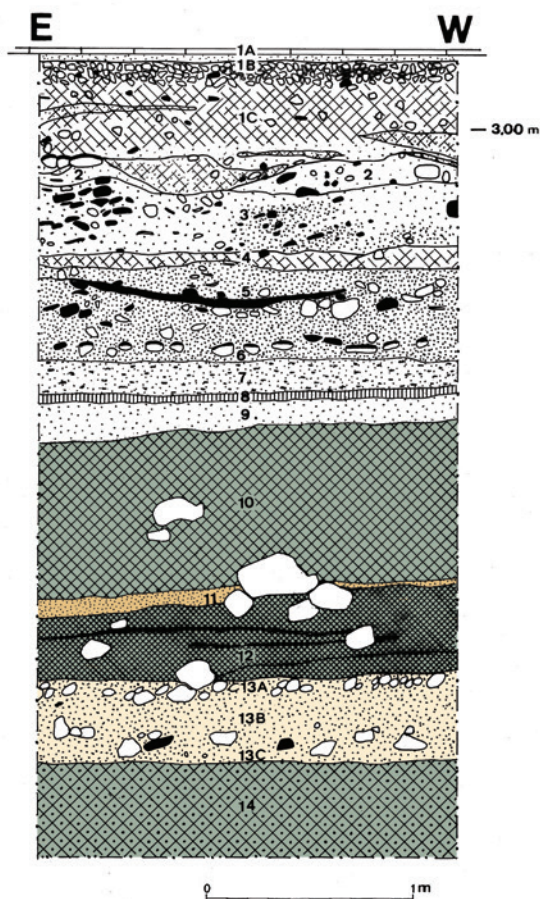


Fig. 14- Perfil estratigráfico da Sondagem II na metade norte do lote das Ruas de Bocage/Augusto Cardoso (ed. da Vinícola/Benetton). ■ - área pantanosa. Seg. Soares, 2002.

situação de abrigo e em ambiente redutor e de baixa energia, a que correspondem as Cs. 12-10, correlacionáveis com a expansão para oeste da restinga e a sua consolidação neste troço. Esta fase está datada, a partir de uma amostra de sedimentos com turfa recolhidos na C. 12 (Beta-160005) (Fig. 15), de 1200 ± 60 BP, que calibrada a 2 sigma forneceu o intervalo de 680-980 cal AD, ou seja, do final do século VII ao final do século X, da Alta Idade Média ao pleno período medieval islâmico. Verificámos, igualmente, que o pântano era contíguo a um núcleo de cabana(s) estabelecido nas areias da restinga (metade sul do lote), durante o período almoadá e que a sua transformação em solo urbano (Cs. 9-7 da Sond. II) só teria acontecido em data indeterminada do século XV, com a edificação das primeiras construções de alvenaria. Uma data radiocarbónica de sedimentos recolhidos na C. 10 (Beta-160006) constituída pelos lodos que antecederam a fase de secagem do pântano, mau grado o seu elevado desvio padrão (790 ± 100 BP), forneceu um intervalo cronológico em total concordância com a dinâmica da ocupação humana do local, ou seja, de 1020 a 1400 cal AD (Fig. 16).

A cerca muralhada construída no século XIV viria a ser o principal factor de modelação do burgo setubalense a partir da Baixa Idade Média. Formou fortemente a topografia e a urbanização da Baixa de Setúbal. No lado norte fundou o seu alicerce na zona pantanosa, que foi sendo progressivamente seca e conquistada para uso urbano no decurso dos séculos XIV-XVI (Duarte & Tavares da Silva, 2014); no lado sul, a muralha instalou-se sobre as areias da praia (Soares, Tavares da Silva & Duarte, 2016); a oeste acompanhou e fixou o leito da Ribeira do Livramento; a nascente construiu ou aproveitou o fosso da ladeira de S. Sebastião.

De acordo com este esboço paleogeográfico, entre o Bronze Final/inícios da Idade do Ferro e a Idade Média, o espaço actualmente ocupado pela Baixa de Setúbal foi sendo paulatinamente modificado, sendo a intervenção humana um crescente factor de mudança. Deste modo, o n.º 19 da Rua António Joaquim Granjo, no sopé da colina de Santa Maria, situava-se a cerca de 50m para norte da margem da baía, a ca.100m para nascente da extremidade

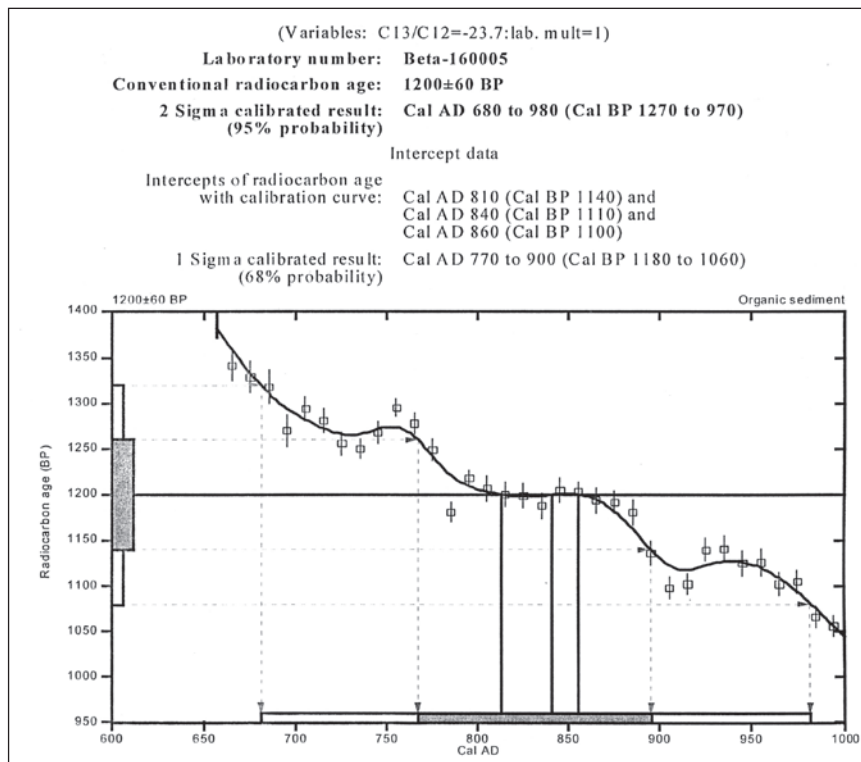


Fig. 15 - Ruas de Bocage/Augusto Cardoso (ed. da Vinícola/Benetton). Datação radiocarbónica da C. 12, Sondagem II.

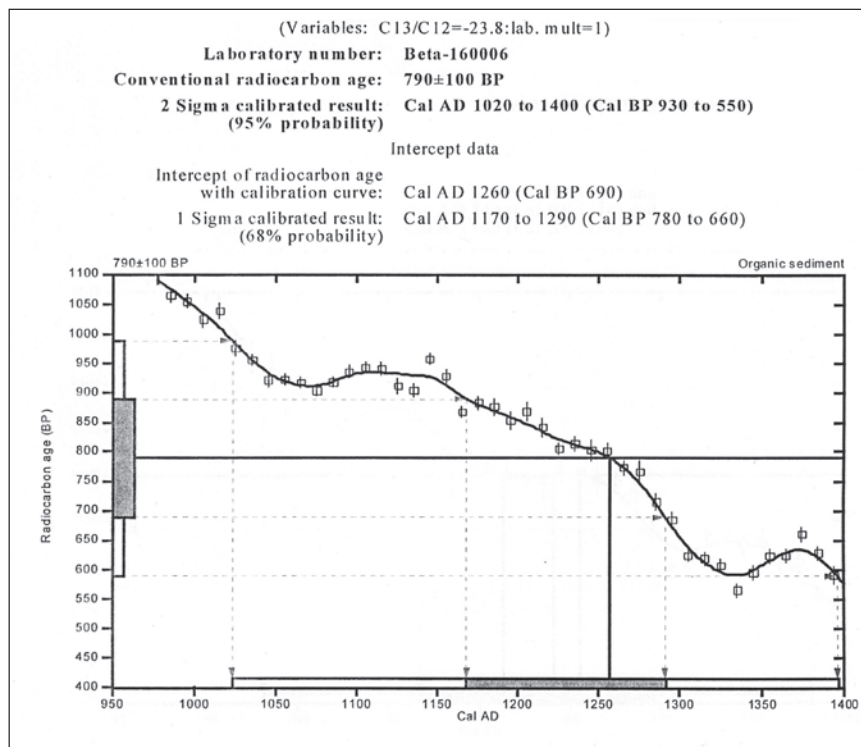


Fig. 16 - Ruas de Bocage/Augusto Cardoso (ed. da Vinícola/Benetton). Datação radiocarbónica da C. 10, Sondagem II..

oriental da restinga e a *ca.* 125m para sudeste da área húmida e abrigada, talvez de sapal, que possuiria excelentes condições para a prática da salicultura, como foi afirmado anteriormente. Na primeira fase de ocupação, o nosso lote fazia parte integrante da povoação orientalizante, que abrangia a área mínima compreendida entre a Travessa dos Apóstolos e as ruas António Joaquim Granjo, Francisco Augusto Flamengo e Arronches Junqueiro; na Época Romana, integrou o núcleo habitacional por excelência de *Caetobriga*, e no Período Islâmico, a periferia de núcleo habitacional.

Referências Bibliográficas

- Cardoso, J. L. (1980-81) – Escavações arqueológicas na Praça de Bocage (Setúbal). Estudos sedimentológicos. *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 285-294.
- Coelho, A. M. Laranjeira Gomes (1980) – *A cartografia geotécnica no planeamento regional e urbano. Experiência de aplicação na região de Setúbal*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Costa, J. Marques da (1960) – *Novos elementos para a localização de Cetóbriga. Os achados romanos na cidade de Setúbal*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- Duarte, S.; Tavares da Silva, C. (2014) – Faianças portuguesas em contextos de lixeira da Setúbal Moderna. *Musa. Museum, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 4, p. 215-228.
- Duarte, S.; Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2014) – Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castelões n.ºs 38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755. *Actas do II Encontro de Arqueologia da Arrábida* (Setúbal Arqueológica), 15, p. 341-372.
- Ferreira, O. da Veiga (1951) – Um instrumento pré-histórico encontrado em Setúbal. *Revista de Guimarães*, 61 (1-2), p. 134-140.
- Soares, J. (1997) – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. *Arqueologia* 97. *Al-madan*, 6, S. 2, p. 164-165.
- Soares, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida* (Trabalhos de Arqueologia, 14), p. 101-130.
- Soares, J. (2002) – MAEDS - Trabalhos arqueológicos: novas estratigrafias para a história de Setúbal. *Al-madan*, 11, S. 2, p. 250-251.
- Soares, J. (2008) – Economia do estuário do Sado. Breve introdução diacrónica. In J. Soares (coord.), *Embarcações tradicionais. Contexto físico-cultural do estuário do Sado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 31-78.
- Soares, J.; Duarte, S.; Tavares da Silva, C. (2005-2007) – Sismos e arqueologia urbana: intervenção arqueológica na Rua Augusto Cardoso, n.º 69, Setúbal. *Musa, Museum, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 2, p. 83-102.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C.; Duarte, S. (2016) – *Intervenção arqueológica na Avenida Luísa Todi, n.ºs 170-178, Setúbal* (Relatório de PNTA/DGPC).
- Tavares da Silva, C. (1966) – Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal). *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia, 1965* (Lucerna, 5). Porto.
- Tavares da Silva, C. (1989) – O Largo e a Igreja de Jesus de Setúbal: uma abordagem arqueológica. In *Convento de Jesus, 500 anos. Arqueologia e História*. Câmara Municipal de Setúbal, p. 5-21.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – A Praça do Bocage (Setúbal) na Época Romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 249-284.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (2014) – Preexistências de Setúbal. A ocupação da época romana da Travessa de João Galo, n.ºs 4 - 4B. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 305-338.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. M. (2010) – Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Francisco Augusto Flamengo, nos. 10-12. *Musa. Museum, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 3, p. 165-178.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. (2014) – Preexistências de Setúbal: 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, N.ºs 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa, Museum, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 4, p. 161-214.